

Prosa *Poeteiro* Verso  
Iba Mendes

# Literatura



Domingos Caldas Barbosa  
*Poema Mariano*



**Iba Mendes**  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

# Domingos Caldas Barbosa

## *Poema Mariano*

---

Publicado originalmente em 1770.

**Domingos Caldas Barbosa**  
**(1739 - 1800)**

“Projeto Livro Livre”

**Livro 336**

---



Poeteiro Editor Digital  
São Paulo - 2014  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)



## Projeto Livro Livre

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor brasileiro Domingos Caldas Barbosa: “*Poema Mariano*”.

É isso!

Iba Mendes  
[iba@ibamendes.com](mailto:iba@ibamendes.com)

## BIOGRAFIA

Há pelo menos três versões do local de nascimento do poeta Domingos Caldas Barbosa. A primeira delas diz que ele nasceu no Rio de Janeiro em 1740. A segunda, conforme afirmação do cônego Januário da Cunha Barbosa, diz que o poeta teria nascido a bordo de um navio. E a terceira afirma que ele haveria nascido a bordo de um navio, entre as duas cidades. Segundo Afrânio Coutinho.

Caldas Barbosa teria nascido no dia 4 de agosto de 1738 a bordo de um navio entre Rio de Janeiro e Bahia. Era mulato, filho de um português e de uma negra, escrava de seu pai. Iniciou os estudos no colégio dos padres jesuítas, onde se distinguiu pela vivacidade da inteligência e, ainda menino, revelou seu talento de repentista e sua veia satírica.

De certa forma, Caldas Barbosa desagradava e incomodava bastante a corte portuguesa, pois suas sátiras não respeitavam hierarquias, atingindo desde o célebre Gregório de Matos até o Conde de Dolabella. Assim, incorreu no desagrado geral. Por ordem desse mesmo conde, foi, em 1758, recrutado e incorporado às forças que operavam na colônia do Sacramento, onde permaneceu refém até a invasão dos espanhóis, em 1762, quando, a pedido do Conde de Pombeiro, foi concedido ao poeta a dispensa do serviço militar. De volta ao Rio de Janeiro, deu baixa no serviço militar e seguiu para Lisboa, onde seguiu seus estudos vindo a tornar-se Capelão da Casa de Suplicação.

Paralelamente à participação nos eventos sociais, Caldas Barbosa desenvolveu intensa atividade literária, a julgar pelas datas de publicação de seus diversos trabalhos. Desde sua chegada a Portugal em 1763, até 1790, data da fundação da Academia de Belas Letras, Caldas Barbosa esteve presente no mundo editorial com várias publicações. Além disto, a participação efetiva de Caldas Barbosa na Academia de Belas Letras constitui um momento fulcral de sua existência, pois foi ele o principal vetor dos acontecimentos relativos a essa instituição.

Aos 60 anos, dia 9 de Novembro de 1800, morreu Caldas Barbosa. Varnhagen relata que o Poeta veio a falecer — de uma rápida enfermidade que apenas lhe permitiu prover-se dos sacramentos. Depois de ser depositado seu corpo numa capela que tem os Condes de Pombeiro dentro de um bosque no seu palácio da Bemposta, foi enterrado na igreja paroquial dos Anjos. Devemos a Manuel Morais a transcrição do seu assento de óbito:

*Em nove de Novembro de mil oitocentos faleceu, em casa do Ilustríssimo Excelentíssimo Conde Regedor, com todos os Sacramentos o Reverendo*

*Domingos Caldas Barbosa, e depois sepultado nesta Igreja no dia dez o Coadjutor Desiderio José Nunes Delgado.*

---

**Referências bibliográficas:**

1. Luiza Sawaya: "Domingos Caldas Barbosa: para além da Viola de Lereno". Dissertação de Mestrado orientada pela Professora Doutora Vanda Anastácio. Universidade de Lisboa - Faculdade de Letras. Lisboa, 2011. Portal: repositorio.ul.pt.
2. Domingos Caldas Barbosa. Biografia publicada por Literafro - [www.lettras.ufmg.br/literafro](http://www.lettras.ufmg.br/literafro).

## POEMA MARIANO

Ou:

*Narração dos mais espantosos e extraordinários milagres de Nossa Senhora da Penha, venerada na Província do Espírito Santo, e em todas as partes do Brasil, por Domingos de Caldas, natural da Bahia, dado à luz por Inácio Félix de Alvarenga Sales, natural da Província do Espírito Santo, Padre Mestre Jubilado, Arcipreste e Vigário da Vara, etc., etc., 1854.*

Ilmo. e Revmo. Sr. Bispo Conde e Capelão-mor.

Com a publicidade do presente "Poema Mariano", assim intitulado pelo seu autor Domingos de Caldas, natural da cidade de Bahia, segundo me afirmam pessoas de grande crédito, nada mais desejo do que fazer brilhar o estro de um brasileiro, que no ano de 1770 empreendeu tão árdua e louvável tarefa.

Depois de algumas diligências pude conseguir um caderno tão mal escrito, que apesar dos esforços que fiz para corrigi-lo, conheço ainda terá defeitos, que só um literato completo, como V. Ex., poderá emendar. Se realizarem-se estas esperanças, que ansiosamente nutro, terei a fortuna de ver cada vez mais engrandecidos os louvores da Virgem Santíssima da Penha, elogiado o seu autor, e felizmente recompensadas as fadigas de quem se confessa

de V. Ex. Revma. o mais humilde e reverente súdito

*PADRE INÁCIO FÉLIX DE ALVARENGA SALES.*



## ARGUMENTO

A milagrosa Penha se descreve,  
E os elementos todos conjurados;  
A mais brilhante luz, mais branca neve,  
Vai visitar os seus advogados.  
O holandês à vila não se atreve,  
Foge, rouba os tesouros consagrados:  
No dia, em que esta Aurora se festeja,  
Grandes prodígios faz na sua igreja.

### I

Eu sou aquele que cantando amores  
Muitas vezes ao som das doces canas  
Lisonjeei a vida dos pastores,  
Exaltei a beleza das serranas;  
Porém hoje depondo os seus louvores,  
Já não quero cantar glórias mundanas,  
Que são sombras da luz, do ar assento,  
Formosuras de flor, torres de vento.

### II

Cante Homero de Aquiles as vitórias,  
E Virgílio de Augusto o grande império,  
Ovídio fabulize vãs histórias,  
E repreenda Horácio o vitupério,  
Que eu cantarei mais ínclitas memórias,  
Maravilha maior, maior mistério,  
Se pode engrandecer em metro puro  
Outro mais claro sol meu estro escuro.

### III

Vós, soberana estrela matutina,  
Que sois musa melhor, mais bela fonte,  
Que os angélicos coros predomina,  
Que as plantas rega do sagrado monte,  
Dai-me na humana voz graça divina,  
P'ra que o vosso poder de modo conte  
Que se acredite em tão distinta norma,  
Igual vossa matéria à minha forma.

### IV

Não repareis no vil deste instrumento,  
Atendei só às veras de um desejo;

Pois que também do ouro o luzimento  
Nas entranhas da terra oculto vejo;  
Não vos consagro, não, do entendimento  
Os dotes, que tenho, antes com pejo  
Só vos dedico em tal simplicidade  
Afeto, devoção, glória, e vontade.

#### V

E se nisto não sou tão veemente,  
Quanto merecem vossas excelências,  
Da vossa pura graça a grossa enchente  
Cubra o campo das minhas indigências,  
P'ra que cheio de amor, e zelo ardente,  
Tanto publique as vossas preeminências,  
Que possa conceber pelo meu canto  
Glória ao céu, gosto à terra, ao inferno espanto.

#### VI

À costa ocidental americana,  
Que do antártico pólo é mais vizinha,  
E o nome Brasil sustenta ufana,  
Não o de Santa Cruz, que dantes tinha  
Entre o Tupi infiel, gente inumana,  
Estão sessenta graus ao sul da linha  
Duas vilas chamadas com vanglória,  
Uma Espírito Santo, outra Vitória.

#### VII

Estende o mar um braço pela terra,  
Que porto faz à tal capitania,  
E como grossas veias nele encerra  
Grandes ilhas de tosca pedraria;  
Desde o rio — Jucu da rica serra,  
E outro com o santo nome de Maria,  
Que expiado dos mais insanos ritos,  
Vem correndo a pagar os seus delitos.

#### VIII

Uma comprida légua está distante  
A vila da Vitória, celebrada,  
Da outra, que se vê menos possante  
Ficar junto da barra edificada;  
Duas penhas de altura exorbitante,  
Uma coberta, e outra descalvada



A entrada defendendo atemorizam  
Quantas quilhas no mar soberbas pisam.

## **IX**

Se os bárbaros Tifeus inda viveram,  
E ao seu fingido Jove guerrearam,  
Nem tão vastas idéias empreenderam,  
Nem tão compridos montes abalaram;  
Se em um destes penhascos se puseram,  
Por certo de improviso ao céu chegaram  
Sem precisar de guerra em tanta lida  
Do Pólion, Etna, Ossa, Olimpo e Ida.

## **X**

Quantos hoje Tifeus mais fementidos,  
Contra o vivo Tonante sublevados,  
Só por subir a penha endurecidos  
Conseguem ser por Deuses numerados!  
E não do Etna em forjas consumidos,  
Porém do Olimpo em glória colocados,  
Transformam-se em Mercúrios de eloquência,  
Para eterno louvor da Onipotência.

## **XI**

Nesta, que digo, penha descoberta  
Majestoso edifício se oferece,  
Que pela imensa altura à vista incerta  
Guarnecido castelo se parece;  
Mas neste mesmo engano a vista acerta,  
Porque, como direi, e é bem confesse,  
Do inimigo defende em qualquer guerra  
A fé, a devoção, o rei da terra.

## **XII**

Essa torre de Faro esclarecida,  
Esse de Éfeso templo, assombro humano,  
O colosso da Ilha a Grécia unida,  
O famoso Obelisco de Trajano,  
A máquina do Egito engrandecida,  
O palácio de Ciro soberano,  
E o mausoléu de tanta arquitetura,  
São confusos borrões desta pintura.

### **XIII**

A escarpada penha não consente,  
Que por ela se dê nenhum só passo;  
Porque o temor da queda prominente  
Ao toque mais sutil põe embaraço.  
Só por uma ladeira sobe a gente,  
Que igual à devoção faz o cansaço;  
Talvez porque se entenda, que a virtude  
Dano do corpo é, d'alma saúde.

### **XIV**

No meio desta pois em largo assento  
Há casas de romeiros bem compostas,  
Tendo em duas capelas aposento  
São Francisco, e Jesus com a Cruz às costas;  
Subindo mais da mesma ao firmamento,  
Várias cruzes por ela estão dispostas,  
P'ra que os passos fiéis, que ali não cessam,  
Nelas pelos de Cristo se ofereçam.

### **XV**

Por compridas escadas vai-se ao cume:  
Um templo tem findado na eminência  
Daquele imaculado e sacro lume,  
Esposa, Filha, e Mãe da Onipotência;  
Sem que jamais a vista por costume  
Se farte em ver, que tal magnificência  
Sem alicerce algum esteja altiva  
No empinado penhasco, e rocha viva.

### **XVI**

No alpendre por colunas sustentado  
Uma rica portada se conserva,  
E logo dentro em coro levantado,  
Que para orar a Deus só se reserva;  
Aqui mesmo o Senhor crucificado  
De qualquer pecador a vista observa;  
Pois sendo imagem só para lembrança  
É puro original, não semelhança.

### **XVII**

Um púlpito com dous colaterais  
Altars de belíssima escultura,

Na forma, e na matéria ambos iguais,  
São próprio cedro em si, mármore em figura,  
Parece que chegar não pode a mais  
O primor d'arte, a força da pintura;  
Pois tanto à pura vista a idéia engana,  
Que nem o mesmo tato desengana.

### **XVIII**

Da porta da verdade pura e santa  
A seu autor a vista humana goza  
No paço de — *Ecce Homo* —, e junto espanta  
De Benedito a efígie primorosa;  
Da outra em uma imagem sacrossanta  
Duas mães, uma filha, avó, e esposa,  
Na qual, contendo igual delicadeza,  
Quis a arte poder mais que a natureza.

### **XIX**

O espaçoso teto representa  
O campo de Amaltéia, o ser de Flora,  
A primavera está do templo exempta,  
Eterna vida e cor nas flores mora;  
Levantado relevo a vista aumenta,  
Primoroso labor a luz namora,  
Esquecendo-se aqui dos operantes  
Fídias, Apeles, Zêuxis, e Timantes.

### **XX**

Do arco para dentro igual respeito  
A abóbada requer da mór-capela,  
Onde mais por milagre existe o efeito  
Do zimbório, que os ventos atropela;  
O altar-mor de pedra é todo feito  
Branca, vermelha, azul e amarela,  
Tendo da mesma espécie iguais alunas  
Figuras, festões, tarjas e colunas.

### **XXI**

Em nítidos degraus d'ouro lavrados  
Se vê de um vasto trono o luzimento,  
Em que nos dias mais qualificados  
Em custódia se expõe o Sacramento.  
Em pirâmide igual de ambos os lados  
Estão Francisco, Antônio igual portento,

Que protótipos são da santidade,  
Pobreza, obediência e castidade.

## **XXII**

Bem no centro do altar em nicho nobre,  
Guarnecido de flores e cortinas,  
A soberana Virgem se descobre  
Mais bela, que as estrelas diamantinas,  
Um transparente véu não bem a cobre;  
Pois nunca ocultas são luzes divinas,  
Tendo nas pias mãos o filho puro,  
Sol que o dia rompeu do céu escuro.

## **XXIII**

Mas ah! Onde vou eu indigno humano?  
Oh cega musa, oh louca fantasia!  
Como se atreve um rústico profano  
A descrever a imagem de Maria!?  
Se ainda para um Augusto um Mantuano  
Uma língua de ferro apetecia,  
Que musa, idéia e voz pede a Senhora  
Se quanto esconde o céu na terra mora?

## **XXIV**

Eu bem conheço enfim, que em vão prossigo,  
Que o mesmo mundo em línguas transformado  
Pouco havia dizer mais, do que eu digo;  
Faria o canto sim mais concertado;  
Mas pode a devoção tanto comigo,  
Que me faz empreender mui confiado  
O maior impossível do universo,  
Para em metro dizer, cantar em verso.

## **XXV**

Vós, rainha de excelsa majestade,  
Da terra auxiliatriz, do céu regente,  
Que sois lince melhor duma vontade,  
Do humano coração mestra ciente,  
Bem conheceis, que em mim não há vaidade;  
Um desejo eficaz tenho somente  
De que sem recompensa e sem vanglória  
Aumente a minha pena a vossa glória.

**XXVI**

Em três palmos e meio de estatura  
Representa a Senhora um vulto inteiro,  
Seu mistério dos ditos se procura,  
Três pessoas, e um só Deus verdadeiro.  
A sua soberana formosura  
Do pecador liberta o cativoiro,  
E faz que o coração do duro peito  
Pelos olhos com dor saia desfeito.

**XXVII**

Ricos vestidos de brocado e tela  
São ornamento seu sempre diário,  
Tendo no peito, e colo a aurora bela,  
De ouro uma cadeia e um rosário.  
Cento e vinte fuzis se contam nela,  
Rematados de um rico relicário;  
Nele se vê que o peso a tanto monta,  
Que inda é mais um mistério a não ter conta.

**XXVIII**

Coberto o lindo peito de diamantes,  
De filigrana d'ouro guarnecidos,  
Matizado de pedras mui brilhantes,  
Salpicado de aljôfares subidos,  
Chegam à sacra fronte rutilantes;  
E ainda encobre alguns dos mais luzidos  
A coroa, que d'ouro às libras pesa,  
Sendo maior a obra, que a riqueza.

**XXIX**

Tem mais de peças mil sobresselentes  
De não menor grandeza e qualidade,  
Que de vários países, várias gentes  
Lhe dão com devoção, gosto e vontade.  
Por muitas dão-se até dobras correntes;  
Porém nunca parece a quantidade,  
Parecendo se oculta a algum patolo,  
Que de tudo faz ser metal de Apolo.

**XXX**

Porém a sacra Virgem lhe compensa  
Com benefícios tão avantajados,  
Que quanto mais se empenha a recomensa,

Mais ficam seus devotos obrigados:  
Da peste, fome, guerra e toda a ofensa  
Ela continuamente os põe livrados,  
Tirando o arbítrio ao tempo, à parca o ofício  
O raio a Délio, a Marte o exercício.

### **XXXI**

O contíguo convento franciscano  
Tem três sobrados de elevada altura,  
Em que para o exercício soberano  
Dos sagrados varões mora a candura.  
A máquina não sente o menor dano,  
E com razão parece eterna dura;  
Pois do calvo Saturno o grande império  
Não tem poder algum no assento etéreo.

### **XXXII**

Vendo que tanto peso já tal penha  
Não pode ter nos ombros sustentada,  
E ofendido de ver que a mesma tenha  
A inviolável luz mais bem guardada,  
No maior terremoto mais se empenha  
Para a pôr destruída, e derribada:  
Mais tirano a reinar em vão procura  
O cenóbio vital da Virgem pura.

### **XXXIII**

Inda em sessenta e nove o sol girava  
Visitando o Leão, que atroz rugia,  
Tendo no Augusto mês, que começava,  
Uma só vez mostrado a luz do dia:  
Morfeu os doces laços apertava;  
O mar, o vento, o céu adormecia,  
Quando a terra com grito assaz ingente  
Desperta os animais, acorda a gente.

### **XXXIV**

Principia o tremor no monte e vale;  
Aumenta a confusão da morte o susto;  
Pedra e tronco não há, que não se abale,  
Sendo o dano maior no mais robusto:  
Agora só o assombro é bem que fale,  
E se emudeça a voz no espanto justo,  
Vendo ficar cessando o infausto indício,

Constante a pedra, imóvel o edifício.

### **XXXV**

Também soberbo Eolo ou de invejoso,  
Ou irado, por ver contrário culto,  
Combatendo este monte portentoso,  
Não faz no longo mar tão grande insulto.  
Treme o sagrado templo temeroso,  
E a não o defender mistério oculto,  
Com fúria tão cruel, tão fero arrojo,  
Fora a pedra maior menor despojo.

### **XXXVI**

Netuno indignado as nuvens farta  
Para lograr seus bárbaros intentos;  
As quais, passando logo à esfera quarta,  
Formam no ar escuro pavimento.  
Das mesmas para o mar água se aparta  
Por baixo dos mais firmes fundamentos,  
Sem que as constantes bases prevariquem,  
Antes na inundaçãõ mais fortes fiquem.

### **XXXVII**

Tonante com rigor fero e tirano,  
No sacro cume da elevada penha  
Arroja os artificios de Vulcano,  
Dos quais o estrondo a fúria desempenha;  
Isto é certa pensãõ de qualquer ano,  
Sem que perigo algum a igreja tenha,  
E somente se vê na gente insana  
O natural temor da vida humana.

### **XXXVIII**

Muitos com raro assombro têm passado  
Por entre a Virgem mãe, e o seu Menino;  
Outros têm não sem dano procurado  
Ao Senhor — Ecce Homo —, autor divino:  
Olha, triste mortal, quãõ descuidado  
Continuas teu louco desatino,  
Sem ver, que, quando a si Deus se condena,  
Mostra de tua culpa a sua pena.

### **XXXIX**

Vê que nem sua mãe já se reserva,



A qual do nosso dano ressentida,  
No raio que a conhece, e que a preserva,  
Golpe não encontrou, e está ferida:  
Por seus rogos repara, atento observa,  
Que a Onipotência quis ser ofendida,  
Mostrando no infalível do castigo  
Custar nosso perdão o seu perigo.

#### **XL**

Confunde-te pois, cego entendimento,  
Faze desse prazer pesar amargo;  
Porque essa horrenda voz do firmamento  
Procura despertar o teu letargo:  
Agradece o milagre a tal portento;  
Que à sentença final põe tanto embargo,  
Por não sentires um e outro inferno  
Do raio, temporal, o fogo eterno.

#### **XLI**

Também a mesma Circe encantadora  
Por Ulisses contrária aos portugueses,  
Do seu sossego aqui perturbadora,  
Infecciona o ar algumas vezes:  
Peita a Pomona, Ceres e mais Flora,  
Para a gente ofender, matar as reses,  
Sem que possa no mal da idéia ignoto  
Esculápio vencer a horrenda Cloto.

#### **XLII**

O fogo material de Febo ardente,  
Que da tórrida zona incende a esfera,  
Mais que da Líbia adusta, e Arábia quente,  
Neste país seus raios reverbera.  
O excessivo calor abrasa a gente;  
Acende o campo, o gado desespera,  
E parece que quer este elemento  
Fazer no alheio espaço o próprio assento.

#### **XLIII**

Desce do monte ao mar o feroz bruto,  
Que antes morrer nas praias determina,  
A Berecintia mãe esconde o fruto;  
Falta o pão, morre a flor, seca a campina;  
Tudo é dor, confusão, pobreza, e luto,

Vendo tão perto a última ruína,  
Todos são Prometeus no sentimento;  
Pois de Tântalo têm o vil tormento.

#### **XLIV**

Vê-se o faminto monstro furibundo,  
Que tem mais de cem bocas sempre abertas,  
Tendo na cútis fraca, e o corpo imundo,  
Ossos, nervos e veias descobertas;  
Os olhos das caveiras no profundo  
Parecem do sertão covas desertas,  
Nas secas faces as medonhas caras  
Mais que de pomos, são de gosto avaras.

#### **XLV**

Observa-se porém ao pé do monte  
Atlântico do céu mais refulgente  
Estar viçosa a flor, corrente a fonte,  
Firme a saúde, a dita permanente;  
Sem que faça calor, qual o dia afronte;  
Sem que a peste infeliz oprima a gente;  
Porque dela lhe dá contra o seguro  
Deste sacro Sião cipreste puro.

#### **XLVI**

Motivo por que a vila da Vitória,  
À do Espírito Santo roga e pede,  
Que por um dia só quer ter a glória  
Do imaculado bem, que ao mal impede.  
Depois que a petição se faz notória,  
Por um despacho a dita se concede,  
Escrituras, fiança, e todo o excesso  
Por um tesouro tal, qual não tem preço.

#### **XLVII**

Entram as grandes quilhas na contenda  
De qual merece ser a conducente,  
E precisa o juiz, sem que as ofenda,  
Ser menos justiceiro que prudente.  
Qual por levá-la dá toda a fazenda;  
Qual se empenha rogando a toda gente;  
Pois a que chega a ter tão feliz sorte,  
Despreza a vida, o vento, o mar, e a morte.

### **XLVIII**

Ricamente se apresta a vencedora,  
Coberta de damascos importantes,  
Fingindo mil festões da bela Flora,  
De luzentes cristais, jóias brilhantes,  
Figuras, invenções, se vêem por fora,  
E por cima bandeiras tremulantes,  
Trazendo de Anfião doce harmonia,  
E de Marte a esforçada artilheria.

### **XLIX**

Não é menor nas mais a diligência,  
Sendo igualmente a pompa procurada,  
E havendo devota competência  
De qual se encontrará mais bem ornada.  
A idéia desempenha a veemência;  
Fica a mente com a vista arrebatada,  
Sem fartar-se apesar de que Argos seja;  
Porque quanto mais vê, mais ver deseja.

### **L**

Qual bordada de seda se apresenta;  
Qual linda primavera se afigura;  
Uma sombrio bosque representa;  
Outra se forma em grave arquitetura;  
Esta só com um castelo se contenta;  
Aquela esgota as tintas da pintura;  
Admirando o leão da novidade,  
Menos a multidão, que a claridade.

### **LI**

Vistes o longo rasto das formigas  
Pelo espaçoso chão multiplicado,  
Que por serem das chamas inimigas,  
Desertam do lugar delas tomado;  
E buscam, porque são do doce amigas,  
Do grande engenho o mel açucarado,  
Tornando carregadas e contentes  
A buscar da pousada as cinzas quentes?

### **LII**

Assim as proas vêm aves nadantes  
Fazendo pelo mar rua vistosa,  
Que fugindo dos raios rutilantes,

Buscam da penha a fábrica engenhosa.  
Dali com devoção levam amantes  
A ambrosia mais deliciosa,  
E com ela contente já navegam  
Aos sítios naturais, que ainda fumegam.

### **LIII**

Porém logo toda esta comitiva,  
Em movente cidade se transforma,  
Disputando na vista, e glória altiva  
A pompa de Paris, de Roma a forma;  
Palácios de soberba perspectiva,  
Obeliscos também da mesma norma;  
Torres, pontes, jardins com fausto tanto,  
Pasma da idéia são, da vista espanto.

### **LIV**

Eis que de entre os fiéis habitantes  
A pálida tristeza se desterra,  
E nos seus aposentos nadadores  
A formosa alegria só se encerra.  
Já com vozes, com vivas, e clamores  
Retumbam de prazer o mar, e a terra,  
Causando horror, e susto aos elementos  
De bronze o eco ao som dos instrumentos.

### **LV**

As filhas de Nereu, formosas damas,  
Meios corpos mostrando umedecidos,  
E as caudas, que têm duras escamas,  
No líquido cristal tendo escondidas,  
Sentem da ardente raiva as vivas chamas;  
Porque outras vozes são no mar ouvidas,  
E entram a cantar ao desafio,  
Para depois vingar na presa o brio.

### **LVI**

As úmidas gargantas apuradas  
Também os doces ecos vão formando,  
Que as águas de prazer ficam paradas,  
Os peixes de alegria andam saltando:  
E como já das musas desprezadas,  
Vencidas dos Orfeus, que estão cantando,  
Arrojam-se às profundas do Oceano,

Levando na vergonha o desengano.

#### **LVII**

Ao rouco som de grossa artilheria  
O argentado nune aparece,  
E com toda a espumante companhia  
A vista sobre as ondas se oferece  
A frente carregada, e luzidia,  
Medonha trovoada só parece;  
Cada olho um funil, a boca um forno,  
Um madeiro o nariz, o queixo um corno.

#### **LVIII**

De um triunfante carro de espadanas  
Puxado por dous monstros animados,  
Em trono vem de lisas barbatanas,  
Guarnecido de brutos escumados,  
Por timbre das empresas desumanas,  
Traz soberbos navios destroçados,  
Em que os tristes naufrágios representa,  
Dos quais seu grande reino se sustenta.

#### **LIX**

Ao seu lado Anfitrite majestosa,  
De nítidos cristais toda adornada,  
Vestida da melhor seda limosa,  
De claros pingos d'água bem toucada;  
Afogador de fino aljôfar goza,  
Jóia também de pérolas formada,  
Trono de tartaruga, e d'água plumas,  
Assento de coral, coxim de espumas.

#### **LX**

Vênus de uma ostra marchetada  
Seu trono faz no opaco pavimento,  
Tendo na concha a ostra inda pegada,  
Reluzente espaldar, brilhante assento.  
As faces, boca, e cor mais engraçada  
Desafiam da aurora o luzimento;  
As tranças d'ouro, os olhos cintilantes  
São correntes de amor, prisões amantes.

#### **LXI**

Tétis, Dóris, Nereu, as ninfas todas,

E os deuses do reino cristalino  
Em conchas desiguais de várias modas,  
Acompanham também o rei marino.  
Dos ossos de baleia as grandes rodas  
As águas rompem com rumor ferino,  
Deixando atrás os fossos circulares,  
Em que à roda se vão reunindo os mares.

#### **LXII**

Assim chega-se à frente da sumaca  
Do espumante congresso o deus horrendo,  
E ferrando o tridente à proa atraca,  
Seu contínuo mover parar fazendo.  
Salta logo da fauce a voz opaca  
Com tão soberbo eco, e som tremendo,  
Que o ar enche de horror, e até parece,  
Que a mesma firme penha se estremece.

#### **LXIII**

E tu, Ihe diz, quem és, que assim se atreve  
O sossego alterar do meu império?  
Como tão longo ardor em corpo breve  
De meu poder assusta o magistério?  
Ignoras o respeito, que se deve  
Das minhas águas ao maior mistério?  
Queres que já converta os desvários  
Desses quentes metais em monstros frios?

#### **LXIV**

Vê de Ítaca o mesmo autor potente,  
E mais seus companheiros esforçados,  
Que por não respeitarem meu tridente  
Foram de minhas ondas soçobrados,  
Dos quais no mesmo arquivo transparente  
Inda tenho os despojos encerrados;  
E eles foram parar sem vela e remo  
Ao tirano poder de Polifemo.

#### **LXV**

Já tenho compaixão do grande estrago,  
Que faço nos ousados portugueses;  
Da minha habitação no sítio vago  
Já não cabem seus ínclitos arneses.  
E tu, sem ponderar tanto pressago,

Vendo sem conta o mal, sem conta as vezes,  
Queres no rouco som, que o bronze atira,  
Incitar-me o furor, mover a ira?

#### **LXVI**

Disse; e logo com golpe assaz severo  
Os parelhados monstros sacudindo,  
Qual valente Sansão, qual ímpio Nero,  
Tudo quer de uma vez ir consumindo;  
Mas da proa o leão soberbo e fero,  
Com rugido feroz a boca abrindo,  
Já depois da ruína estar disposta,  
O naufrágio detém nesta resposta.

#### **LXVII**

Não hás de, não, vencer, cruel Netuno,  
Por ser este baixel forte, e guerreiro,  
Em que com grandes forças me reúno  
Da Esposa de outro Jove verdadeiro.  
Se tu és de Plutão soberbo aluno,  
Eu de Vênus melhor sou companheiro.  
Quem impede, e demora esta desgraça  
É outra fonte santa, e mar de graça.

#### **LXVIII**

Esta mesma sumaca representa  
(Se é justa tão distinta semelhança)  
Aquela nau do mar de culpa exempta,  
Onde sempre há maré, sempre há bonança,  
Na qual o pecador sem mais tormenta,  
Atravessando o Cabo da Esperança,  
Ao porto salva as praias do Oriente,  
Donde se adora o sol mais refulgente.

#### **LXIX**

O Leão de Judá eu represento  
Da raiz de Davi planta diversa,  
Que alcançou glorioso vencimento  
Do Cérbero infiel, cobra perversa.  
Lê neste escudo, que nas mãos sustento  
Ao teu cego furor empresa adversa,  
E verás no rigor desta porfia  
Quantas penas te dá — Ave Maria!



**LXX**

Inda o nome não é bem proferido,  
Quando toda cruel turba nadante,  
Pelas águas fazendo atroz ruído,  
Mergulhada se vê no mesmo instante.  
Qual de noite no céu lume incendido  
Se figura uma estrela assaz brilhante,  
E quando mais constante nos parece,  
Correndo pelo ar desaparece.

**LXXI**

Enfim os falsos deuses do mar fundo  
Levam a confusão por desengano,  
E ainda temerosos no profundo  
Se escondem junto ao reino de Sumano.  
Enterrados na areia, e lodo imundo,  
Fogem de ouvir o nome soberano,  
Inda não satisfeitos de escondidos  
Metem rolhas de limo nos ouvidos.

**LXXII**

A gente admirada em terra salta  
Entoando com glória não pequena  
Os louvores da Virgem em voz alta;  
Pois tantas tempestades lhe serena:  
E quando de Maria a glória exalta  
Também confessa humilde a sua pena;  
Porque sem contrição tão manifesta  
Não vale a devoção, a fé não presta.

**LXXIII**

A escabrosa penha vai subindo  
Descalça, de joelhos, e de bruços,  
E por toda a ladeira estão se ouvindo  
Menos a voz, que o eco dos soluços.  
As águas, que dos olhos vêm saindo,  
Causam nas ventas úmidos defluxos,  
E parece que têm já convertidos  
Os corações em forma de gemidos.

**LXXIV**

Chegando finalmente ao santo erário,  
Em que o maior tesouro se venera,  
Com incendido amor, afeto vário,

Impaciente já a dita espera.  
Aqui deter a musa é necessário,  
Enquanto em breve espaço se pondera  
O como se transforma com Maria  
A pena em glória, o pranto em alegria.

#### **LXXV**

Nos braços de um varão religioso  
Da mesma santa ordem dos menores  
Vai o sagrado nume portentoso  
Mostrando claramente resplendores.  
Em alas o congresso numeroso  
Repete vários hinos e louvores,  
A cuja voz responde o bronze forte,  
Causando à vida horror, espanto à morte.

#### **LXXVI**

Assim torna-se a cidade nadadora  
Incendida Cartago e Tróia ardente;  
E já vendo embarcada a bela aurora  
A Vitória procura ter patente.  
De Vila Velha a gente aflita chora  
Desta santa partida descontente,  
Não podendo julgar-se na verdade,  
Se é mais ativa a glória, se a saudade.

#### **LXXVII**

A capitânia toma a dianteira,  
E se observa nas ondas prateadas,  
Que os peixes vão seguindo a sua esteira,  
Que as aves pelas vergas vão sentadas.  
As mais da mesma sorte que a primeira  
Dos contínuos prodígios admiradas,  
Em companhia vão deste portento,  
Tão cheias de prazer, como de vento.

#### **LXXVIII**

Antes que à vila as proas apareçam,  
A vinda certificam os clamores;  
E atroando os ouvidos já começam  
Sinos, trombetas, tiros, e tambores.  
Para o comprido cais logo se apressam  
Juizes, escrivães, vereadores,  
Bandeiras e pendões, cruzes e guias,

Ordens, religiões, e confrarias.

#### **LXXIX**

O batalhão em forma está disposto,  
A tropa auxiliar também formada,  
A turba universal com geral gosto,  
Em tão vasto terreno está coalhada.  
Curvado o velho vem no duro encosto,  
O tenro filho em braços da criada,  
Ou por si, ou por outro carregado,  
O cego, o surdo, o manco, o aleijado.

#### **LXXX**

O lavrador as canas desampara,  
O pastor já no campo não reclina,  
Pela vila o rebanho já despreza  
Esquecido da selva, e da campina.  
A anta, o bugio, o tigre, a cobra avara  
Vêm do bosque adorar a luz divina;  
E inda o mesmo gentio sem fé certa  
Com a vista parada, a boca aberta.

#### **LXXXI**

Das columbrinas peças carregadas  
Em fogo se desfaz a fortaleza:  
As casas sobre o cais bem preparadas  
Mostram na mesma pompa a sutileza.  
Nas ruas para o passo destinadas  
Se admira com arte igual riqueza,  
Observando-se aqui com maior soma  
Grandezas de Paris, faustos de Roma.

#### **LXXXII**

Chega a Senhora à terra, e recebida  
Em rico pátio de ouro traspassado,  
Da turba acompanhada é conduzida  
À Santa casa de Francisco amado;  
Inda não bem no templo é recolhida,  
Já todo o céu de nuvens carregado,  
Encobrimdo do sol a formosura,  
Transforma o claro dia em noite escura.

#### **LXXXIII**

Apenas entra a Virgem, quando os ares

As nuvens vomitando sobre a terra,  
Parece com dilúvio, que nos mares  
Quer a água vingar do fogo a guerra.  
Os verdes papagaios nos pomares,  
Os barbados bugios, pela serra,  
E nos charcos as rãs cheias de glória,  
Estão cantando os vivas da vitória.

#### **LXXXIV**

A sequiosa terra a chuva bebe;  
Em uma raridade a gente espanta;  
Porque de cada pingo, que recebe,  
Um pequeno sapinho se alevanta.  
Também ao longe um fumo se percebe,  
Que sutilmente aos ares se adianta,  
Qual tição apagado de água fria,  
Que agora fuma só, se antes ardia.

#### **LXXXV**

Os secos algodões reverdecendo,  
Os queimados legumes se inundando,  
No campo a murcha relva renascendo,  
No bosque as mortas árvores brotando,  
Na fonte os animais juntos bebendo,  
No rio os brutos todos se lavando,  
São mudos oradores desta Penha,  
Padroeira, que a Deus por nós se empenha.

#### **LXXXVI**

O mesmo efeito faz na horrenda peste,  
Defendendo qualquer do ar impuro;  
Porque, sendo também porta celeste,  
Por ela todo o mal vive seguro.  
Se de lua se calça e sol se veste,  
E das estrelas tem resplendor puro,  
Que muito é seja um astro tão perfeito,  
Sendo causa da luz, da graça efeito.

#### **LXXXVII**

Depois de seu devoto novenário,  
Em que as graças se dão do benefício,  
Sempre sendo atual no povo vário  
Do canto a voz, do culto o exercício,  
Tornando-se a aprestar o necessário

Inda com maior pompa, e desperdício  
Da Penha se conduz a maravilha,  
Essa mais pura luz, que eterna brilha.

#### **LXXXVIII**

Nesta ausência cruel da soberana  
Chega a pena da glória precursora,  
Sendo aquela pensão da vida humana,  
Que por um olho ri, por outro chora,  
Ao mar arroja a gente a dor tirana,  
Que intenta em vão seguir a bela aurora;  
Pois todo aquele amor, que não é pouco,  
Além de cego ser também é louco.

#### **LXXXIX**

Chega até onde o passo a onda impede,  
E já precisa astúcia contrafeita;  
Triste para as moradas retrocede  
Com a fartura em parte satisfeita,  
Quando mastiga o pão, e farta a sede,  
De sua autora a graça inda respeita,  
Celebrando com júbilo dobrado  
Neste presente bem o mal passado.

#### **XC**

Porém o deus das ondas que vencido  
Foi de fero leão da proa ardente,  
Inda do seu agravo ressentido,  
Lhe prepara outro mal mais veemente;  
E vendo o seu poder enfraquecido,  
Maior esforço busca onipotente,  
Com que deste lugar americano  
Destrua a devoção, fomite o dano.

#### **XCI**

Vai do negro Plutão ao reino escuro,  
E já do rei soberbo na presença  
Com espantosa voz, com eco duro,  
Desta sorte lhe fala sem detença:  
Sabe, querido irmão, que em ti procuro  
O desagravo de uma grande ofensa;  
Pois vejo o meu tridente enfraquecido,  
Que ontem foi vencedor, e hoje vencido.

**XCII**

Profanados meus úmidos altares  
Na parte ocidental do novo mundo;  
Com acesos metais queimam-se os mares  
Em louvor de outro deus forte e jucundo,  
Se tu com teu poder me não vingares  
Me envergonho, me abismo, e me confundo,  
De que uns cegos mortais, tristes humanos,  
Causem terror aos deuses soberanos.

**XCIII**

Isto disse chorando de raivoso,  
E os limosos cabelos arrancando,  
Foi aos pés do rei ímpio, e rigoroso  
A coroa e tridente arremessando,  
Cuja vista o concurso numeroso  
Dos infernais ministros admirando,  
Esquecidos do próprio ministério,  
Dão às almas alívio, e refrigério.

**XCIV**

Plutão depois de um pouco estar parado  
Desta sorte responde ao nume aflito:  
Eu sei que desse Deus tão venerado  
É tão grande o poder, como infinito;  
Sei também, nesse clima, que adorado  
É com glória infiel, com santo rito  
Dos Lusos, que até ali — com sacro indulto  
Dos naturais me tem tirado o culto.

**XCV**

Porém, consola o céu os desumanos,  
Torna contente aos reinos cristalinos,  
Que para réus vingar de tantos danos  
Bastam só nossos bárbaros calvinos,  
Os Assírios, Ingleses, Mauritanos,  
Numídeos, Luteranos, e Rabinos:  
Temos para tão poucos inimigos  
Imensos parciais, muitos amigos.

**XCVI**

Com ingente valor, com golpe fero  
Eu deles sou vencido muitas vezes,  
E cada vez com mais furor espero

Tirar a fé dos cultos portugueses.  
Em teu e meu favor agora quero  
Contra eles mover os holandeses,  
E que os hão de vencer eu te seguro  
Com Megera, Caronte, e Palinuro.

### **XCVII**

Prostrar-se agradecido o nume intenta;  
Porém o irmão nos braços o levanta;  
Este no ardente seio se aposenta,  
Aquele ao mar salgado se adianta.  
O congresso, que as almas atormenta,  
De breu e enxofre faz fumaça tanta,  
Que ali se vêem os tristes condenados  
Primeiro que incendidos afogados.

### **XCVIII**

Já o reino leteu na escura barca  
Sulcar o rei ousado determina:  
Do preciso se apresta, e nela embarca  
Qualquer que para a empresa se destina.  
Também não quer ficar horrenda parca,  
Que já faz na ambição certa ruína,  
E nela vem causando horror eterno  
O vil barqueiro do medonho averno.

### **XCIX**

Apenas de Netuno as águas pisam,  
Quando muito contente lhe aparece,  
E enquanto céu, e ondas só divisam,  
Nunca do longo mar desaparece;  
Do melhor mantimento não precisam,  
Porque Glauco o bom peixe lhe oferece;  
E em pouco tempo Eolo furibundo  
No país holandês lhe faz dar fundo.

### **C**

Busca Megera a praia, e certifica,  
Que do negro Plutão traz embaixada.  
O sucesso do deus nadante explica.  
E para o socorrer implora a armada.  
A nação infiel nada replica,  
E embarcando a tropa exercitada,  
Com cego horror, com louco desvario



Quer que na prontidão se veja o brio.

#### **CI**

Nos braços já Netuno as mãos aperta,  
E por sinal das suas alegrias  
Amante e liberal lhe faz oferta  
Dos brilhantes cristais das ondas frias.  
Já fazendo da empresa a glória certa  
As sereias lhe cantam sinfonias,  
E fazendo no mar várias mudanças,  
As filhas de Nereu lhe formam danças.

#### **CII**

Caronte do velame tem cuidado;  
Palinuro do leme se apodera;  
Cloto quer destruir o luso estado;  
Incita cruel ódio só Megera.  
Chegam da altura ao porto desejado,  
E não achando a terra, que se espera,  
Dizem que o bem já não lhes corresponde;  
Que, se o mar o não tem, o céu o esconde.

#### **CIII**

Misteriosa névoa se oferece  
À vista tão cerrada, e tão escura,  
Que inda nas mesmas naus não aparece  
De popa a proa a gente insana e dura.  
Começa a confusão, o susto cresce;  
Porque quando o piloto entrar procura,  
Temem os deuses maus pelo seu vício  
Dobrado mal, segundo precipício.

#### **CIV**

O vencido Netuno exasperado,  
De furor escumando, inchado em ira,  
A cabeça batendo em um costado,  
Contra os mesmos amigos se conspira;  
Porém depois já menos perturbado,  
Com um medonho ai triste respira,  
E suspirando aflito a voz exala,  
Com que o fero pesar por ele fala.

#### **CV**

Oh tu meu nobre irmão, pai da desgraça,

É possível que em tão penoso assédio  
Esta tirana dor, que por mim passa,  
Não possa cura achar, nem ter remédio,  
Que sempre se confunda, e se desfaça  
Meu soberbo furor, meu feroz tédio?  
E há de o meu valor, minha presença  
Sofrer a minha injúria, e vossa ofensa?

#### **CVI**

Mais quisera dizer, se de um ruído  
O estrondoso horror, que o ar feria,  
Lhe não pusera embargos ao sentido  
Das queixas, que formava, e que dizia.  
Um carro vê de chamas incendiado,  
Que o mesmo ardente inferno parecia,  
E não se engana, pois do dito horrendo  
Ouve a funesta voz ao som tremendo.

#### **CVII**

Aqui me tens, Netuno, é cousa fera,  
Que só força, e não mente em ti se veja,  
Pois não sabes prever, que nesta era  
Mais uma astúcia, que o valor peleja?  
Queres ver como o bem se recupera  
Do perdido país, que se deseja?  
Acende as velas com meu fogo impuro,  
E verás como vês em tanto escuro.

#### **CVIII**

Disse; e logo de chamas veementes  
Toda a armada acendeu em breve instante,  
Fazendo a vista crer, que as naus ardentes  
Pretende abrasar o pego undante.  
O ar com fogos tão resplandecentes  
Jamais do que por Febo está brilhante;  
O mar aceso, a terra iluminada  
Dá caminho ao furor, concede a entrada.

#### **CIX**

À vista do edifício suntuoso  
A nação infiel medrosa fica;  
Mas de soberba o monstro rigoroso  
Que castelo não é lhe certifica.  
Rompendo as quilhas vem o mar undoso;

Já cada um no seu lugar se aplica;  
Afiando se vê Cloto a tesoura;  
Nos ímpios corações Megera estoura.

### **CX**

O espanto natural bem represente  
Do mais fero valor sombra ofuscada;  
De um a outro lugar conduz a gente  
De susto não pequeno traspassada.  
E já onde o pavor tréguas consente  
Com tanta pressa mal fortificada.  
Mais confia vencer o herege insano  
Por divino favor, que esforço humano.

### **CXI**

Aqui chega a nefanda companhia;  
E o vermelho estandarte levantando,  
Campos, bosques, e montes desafia,  
Bombas, peças, e balas disparando.  
Anda o negro Plutão nesta porfia  
Os reforçados bronzes atirando;  
E girando se vê por toda a parte  
A Belona cruel, o feroz Marte.

### **CXII**

Porém, essa pequena cidadela,  
Que milagrosa praça se afigura,  
Com pouca força as naus muito atropela  
Mediante o favor da Virgem pura.  
Teme o fero holandês chegando a ela  
No mesmo arrojo achar a sepultura,  
E das fúrias cruéis deixando a ira,  
Infiel, e medroso se retira.

### **CXIII**

Netuno contra ele se enfurece,  
Querendo assim vingar a sua injúria;  
Já com gesto cruel nele aparece  
De Tisífone o rigor, de Aletto a fúria.  
Como desenganado do interesse,  
Sua pompa mudar quer em penúria,  
Condição, que com muitos se coaduna,  
Que amigos são do tempo da fortuna.

**CXIV**

Já dos numes cruéis desamparado  
Não há quem dos insultos o defenda,  
E da terra inimiga precisado,  
A busca por auxílio da contenda.  
Só da cega ambição acompanhado  
Se vale da sagrada, e rica tenda  
Da mais forte Judite, bela senhora,  
Do rei dos reis fiel mantenedora.

**CXV**

Confuso o povo, atento, e admirado  
De ver tantos prodígios singulares;  
Crendo milagre feito, e bem obrado,  
Multiplica os incensos nos altares.  
Não podendo o prazer estar encerrado  
Passa do peito à voz, da voz aos ares,  
E por nobre brasão, e santa glória  
A vila toma o nome de Vitória.

**CXVI**

Mas o holandês sacrílego, e desumano,  
Com duro peito, e ânimo ferino,  
Rouba as prendas do templo soberano,  
E da Senhora o erário diamantino;  
E a tanto chega o seu rigor insano,  
Que lhe rouba também o deus Menino.  
Só não pôde por mais que a força empenha  
Movê-la do altar da sacra Penha.

**CXVII**

Já carregado assim do melhor velo  
Se embarca sem o mínimo intervalo.  
Netuno cessa logo de ofendê-lo;  
E nem jamais se atreve a procurá-lo.  
Com favorável vento, e tempo belo,  
Nunca encontrou no mar melhor regalo,  
Mostrando Deus, que deve um ofendido  
Fazer bem té ao mal agradecido.

**CXVIII**

Oferece o menino onipotente  
A cidade de Olinda majestosa,  
Nome não sem mistério competente

Ao encarnado botão da pura rosa.  
Ali é festejado anualmente  
Com fiel devoção, pompa lustrosa,  
No mesmo dia, em que da sua planta,  
A Penha nos louvores se quebranta.

### **CXIX**

É este um dedicado à clara lua  
Depois do outro sol, que Abe se chama,  
No qual quase compete à glória sua,  
A pura devoção, que amor inflama.  
A gente principal, plebe comua  
Pela espaçosa penha se derrama,  
E onde ela permite algum assento,  
Faz soberbo casal, nobre aposento.

### **CXX**

De noite não faz falta o claro Apolo,  
Porque mais que de estrelas guarnecida  
Toda a esfera se vê, e todo o pólo,  
Multiplicada a luz, chama incendida.  
As fogueiras não pode o rijo Eolo  
Apagar quando a chama mais crescida  
Faz crer que todo o monte é certamente  
Vesúvio material, ou Etna ardente.

### **CXXI**

De dia já das aves a alvorada  
Acompanham sonoros instrumentos,  
E ouvindo as flores voz tão concertada  
Formam, dançando, alegres movimentos.  
Há discreto sermão, missa cantada;  
Admiram-se os ricos ornamentos.  
Por milagre na igreja se acomoda  
A grande multidão da gente toda.

### **CXXII**

Universal banquete se oferece  
Sem se escolher sujeito nem estado:  
Quanto mais se consome, então mais cresce  
Sempre com cópia igual multiplicado.  
No vário, e no primor a fama cesse  
Do Assírio, com pompa celebrada;  
Pois quanto em meses seis aquele teve,

Tudo neste se vê em tempo breve.

### **CXXIII**

Os de saúde assaz destituídos,  
Os surdos, indigentes, tristes cegos,  
Os que por vários casos vêm perdidos  
Pedir-lhe os bens, as honras, os empregos,  
Neste dia inda são mais atendidos,  
E recuperam logo os seus sossegos,  
Que é timbre natural dos soberanos  
Aumentar as mercês, quando faz anos.

### **CXXIV**

Se tudo quanto faz esta Senhora  
A todo este Brasil, que tanto ampara,  
Com delicada pena, e voz canora  
Eu agora escrevera, ou publicara,  
Inda que outro Tifeu gigante fora;  
E nelas só meus dias ocupara,  
Com bocas cinqüenta eu não dizia,  
Nem com um cento de mãos tudo escrevia.

### **CXXV**

Se enfim desta melhor ave sem pena,  
Que é de Deus criadora, e criatura,  
Não pode humana voz, rouca camena,  
Os mistérios cantar com mais doçura.  
Basta o que tem narrado a rude avena  
Para se distinguir sua luz pura,  
Porque, quando não há quadro bastante,  
Pinta-se um dedo só, vê-se um gigante.

### **CXXVI**

E vós, qualquer que sois dela devoto,  
Todos que a venerais com mais cuidado,  
Nunca vos esqueçais do sacro voto,  
Lembraí-vos de pedir com santo agrado.  
Vereis, como é vencida a horrenda Cloto,  
Vereis, como libertos do pecado,  
Com júbilo, e com glória vos convida  
Da vida temporal a eterna vida.

*Transcrito do livro As Maravilhas da Penha ou Lendas e História da Santa e do Virtuoso Frei Pedro de Palácios, do Major J. J. Gomes da Silva Neto, Rio de*

*Janeiro, Imprensa Nacional, 1888, p. 184-221. Foi atualizada a ortografia e feito um mínimo de alterações ditadas pela lógica contextual, para o que contribuiu um cotejo crítico com a edição do Padre Ponciano dos Santos Stenzel, intitulada Poema Mariano sobre a Penha do Espírito Santo, publicada em Vitória, 1934.*



## O LIVRO DIGITAL – ADVERTÊNCIA



O Livro Digital é – certamente - uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade de editoras.

Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser escaneado e compartilhado nos mais variados formatos digitais (PDF, TXT, RTF, entre outros). Todavia, trata-se de um processo demorado, principalmente no âmbito da realização pessoal, implicando ainda em falhas após o processo de digitalização, por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras.

Embora todos os livros do “Projeto Livro Livre” sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que alguns desses erros passem despercebidos. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de algumas dessas incorreções, por gentileza entrar em contato conosco, no e-mail: [iba@ibamendes.com](mailto:iba@ibamendes.com)

Sugestões também serão muito bem-vindas!

Iba Mendes  
São Paulo, 2014